

SOBRE TRABALHADORES TEMPORÁRIOS: a trajetória dos professores substitutos da FASSO/UERN

Hiago Trindade¹

RESUMO

Discute as motivações e interesses dos professores substitutos da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte para ocuparem tal função, fazendo uma articulação com as determinações mais gerais do mundo do trabalho que marcam a contemporaneidade. Para a produção dos dados, foi realizada pesquisa bibliográfica e de campo junto a professores substitutos, atuando entre os anos de 2009 e 2012 na referida universidade. Concluiu, demonstrando que a tendência à inserção neste espaço específico de trabalho tem múltiplas justificativas, sendo os sujeitos, especialmente, jovens, recém-egressos de cursos de graduação, com idade entre 23 e 25 anos.

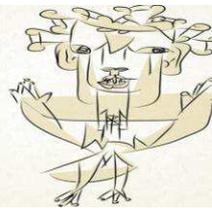
Palavras-chave: Trabalho temporário. Professores Substitutos. Precarização.

ABSTRACT

Discusses the motivations and interests of substitute teachers from the School of Social Work at the University of Rio Grande do Norte State to fill such a role, making a link with the more general determinations of the working world that mark the contemporary. For the production of data, literature and field research was conducted with substitute teachers, acting between the years 2009 and 2012 in the same university. I conclude by showing that the tendency to insert this particular work space has multiple justifications, with the subjects, especially young people, newly graduates from undergraduate courses, aged between 23 and 25 years.

Keywords: Temporary work. Substitute teachers. Precariousness.

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: hiagolira@hotmail.com



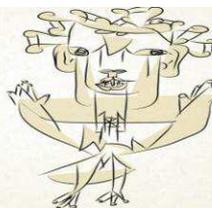
1- Introdução

Alternativa ao desemprego, necessidade de subsistência, oportunidades... São muitos os fatores que levam os sujeitos a se inserir e/ou buscar alguma forma de trabalho temporário, a exemplo, daquele de professor substituto. E, certamente, todos esses fatores estão intrinsecamente relacionados com as ocorrências, de múltiplas ordens, que se processam no interior do modo de produção capitalista.

O trabalho temporário ganha dimensões cada vez maiores no contexto dos processos de reestruturação do capital ante sua crise estrutural que, consoante análise de Mészáros (2009), provoca efeitos devastadores, expondo o caráter de incoerência e incontabilidade do modo de produção capitalista. No contexto de mundialização do capital, tratam-se de crises aparecendo, de modo rastejante, em todas as latitudes do globo, estando as mesmas agarradas a todos os ramos produtivos – e não a apenas a um setor específico, como verificado em outros tempos históricos.

Os fundamentos e condicionantes desta crise têm sido discutidos e problematizados por vários pesquisadores do campo da teoria social crítica. Algumas análises apontam para uma tendência à queda da taxa de lucros, dadas às mudanças na composição orgânica do capital, expressas na relação estabelecida entre capital constante e capital variável; ou seja, entre os meios e instrumentos de trabalho (máquinas, ferramentas, etc.) e a mão de obra utilizada/empregada para garantir a implementação do processo produtivo. Nos marcos dessa relação, ao se aumentar a dimensão referente ao capital constante, inevitavelmente há uma diminuição do capital variável. Noutras palavras: ao se elevar a quantidade de maquinários, diminui-se a necessidade da força de trabalho de homens e mulheres. Considerando que somente a força humana de trabalho é capaz de produzir valor e mais valor, ou mais-valia, a parte desta apropriada pelo capitalista como lucro, nesta fase do capitalismo, tenderia a decrescer, comprometendo os níveis esperados de lucratividade do capital. Este, para dar conta de sua necessidade de acumulação ampliada e manter-se como modo dominante de produção, introduz mudanças afetando tanto a produção como a circulação e o consumo de mercadorias.

Tais mudanças compõem um vasto leque designado reestruturação produtiva, a qual produz efeitos nas mais variadas dimensões da vida social (OLIVEIRA, 2004). Do ponto de vista do trabalho, assistimos ao crescimento exponencial do chamado exército industrial de reserva, fenômeno expresso na realidade por meio do aumento desordenado e bastante elevado dos índices de desemprego, o qual tende a convergir para uma dimensão estrutural.



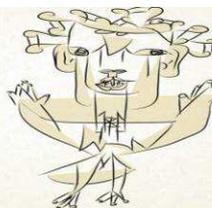
Nesta conjuntura, assistimos ainda ao aparecimento de novas formas de trabalho, que têm em comum o fato de serem bastante precarizadas, a proliferarem-se despidoradamente. Como expõe Antunes (2009), os trabalhos *part-time*, temporários, terceirizados, dentre tantas outras nomenclaturas demarcam o esfacelado terreno das condições e relações de trabalho precarizadas no marco do capitalismo contemporâneo. E essas formas têm se alastrado na realidade hodierna por toda a sociedade, atingindo todos os setores, resguardadas suas especificidades e particularidades.

Neste processo de reestruturação do capital ante a sua crise estrutural, o Estado é igualmente chamado a se reconfigurar, promovendo ajustes e reposicionando sua ação, para continuar como agente essencial no processo de acumulação. Nas palavras de Carvalho (2015), o Estado ajusta-se para continuar intervindo em benefício do processo de acumulação do capital. Ademais, destaca a autora que: “[...] o Estado Ajustador Brasileiro afirma a sua dominância, em um contexto de tensões, de lutas e de afirmação de uma cultura política democrática, em toda a década de 1990 e nos anos 2000” (CARVALHO, 2015, p. 11). Outros analistas se referem a contrarreformas do Estado (BEHRING, 2008), cujo sentido se produz para atestar os prejuízos ocasionados pela intervenção do Estado em benefício do capital, via desmantelamento dos já reduzidos direitos da classe trabalhadora². De um modo ou de outro, importa ressaltar que todos esses acontecimentos, perpassam a totalidade dos espaços, inclusive o âmbito da educação, lócus de inserção dos professores temporários e foco de nossa análise, nesse momento. Nas palavras de Trindade (2014, p. 229), a contrarreforma do ensino superior pode ser verificada, “[...] na constante falta de investimentos públicos em recursos humanos e materiais, na inserção de iniciativas privadas no âmbito do espaço público, ou ainda na expansão desmedida e extremamente quantitativa que vem sendo implementada, dentre outros fatos”.

Por todos os aspectos supramencionados, a emergência do chamado estado neoliberal muito tem contribuído para aprofundar esse processo de deterioração do ser social que trabalha, ao promover o corte de gastos com as políticas sociais públicas e demandas sociais, como ressalta Harvey (2008). Tais cortes atingem os segmentos mais pobres da sociedade e os trabalhadores, particularmente os do setor de serviços, em processo de expansão, na atual fase de acumulação.

Dentre as formas que o trabalho assumiu, chamamos a atenção para o de tipo temporário e, mais ainda, para as ocupações que mobilizam prioritariamente a população jovem, na exata medida em que é a partir dele que podemos criar balizas para pensar e nos

² Esta realidade se agrava nos marcos de uma economia dependente e periférica como é o caso da brasileira. Aqui, a ausência de reformas com vista ao atendimento dos interesses da classe trabalhadora foi sempre uma constante e, por isso mesmo, a não materialização das diversas garantias sociais tem comprometido a vida das camadas mais necessitadas.



dedicar à análise dos professores substitutos da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FASSO/UERN), no tocante às determinações, motivações e interesses que os levam a se inserir na universidade, com este tipo de vínculo de trabalho.

Os dados ora expostos, são fruto da investigação empreendida para realização de nosso trabalho de conclusão de Curso (TCC), na referida universidade, defendido nos idos de 2013³. Nesse sentido, cabe o alerta para a possibilidade de mudança de algumas características e informações. Ainda que o tempo da investigação não seja tão distante da contemporaneidade, o movimento histórico do real é constante, dialético e incessante, trazendo sempre novas determinações a requerem aprofundamento.

2 – Descortinando a trajetória dos professores substitutos da FASSO/UERN

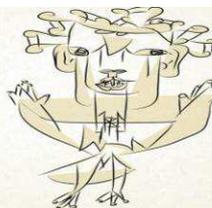
Para iniciar este texto, a primeira indicação que fazemos é a de que a palavra substituto tem um duplo significado. De um lado, **estar substituindo** alguém que precisou, por motivo de saúde, capacitação profissional, ou outros, se ausentar da universidade. Mas, também indica, no seu contrário, que o sujeito pode **ser substituído** a qualquer momento, sem que seja necessário muito esforço, do ponto de vista burocrático, dada a fragilidade dos contratos de trabalho, de modo geral e, em particular, daqueles de professores temporários, no âmbito da UERN (TRINDADE, 2013).

O perfil dos professores substitutos da UERN se encontra disposto no quadro abaixo. Ele contém as principais informações dos sujeitos entrevistados e condensa algumas das características apontadas no desenvolvimento de nosso texto, para nos dar uma visão geral da situação: idade, qualificação profissional, tempo de docência e atividades desenvolvidas foram os aspectos elegidos. Nesse sentido, a condução da análise e problematização dos dados apresentados neste texto se assentam neste quadro.

QUADRO 1 – CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS PROFESSORES SUBSTITUTOS DA FASSO (2009-2012)

Nome	Idade	Pós-Graduação	Tempo	Atividades
Professor 1	26	Não Possui	3 anos	Ensino

³ O referido trabalho possui o seguinte título: “Mundo do trabalho na FASSO: uma análise acerca das metamorfoses do trabalho e seus rebatimentos para o professor substituto”. Resultados já foram preliminarmente socializados no número 52 da Revista Universidade e Sociedade, (Cf. “Não vim pra ficar, estou só de passagem”: a precarizada vida dos professores substitutos da FASSO/UERN).

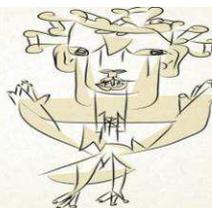


Professor 2	26	Mestrado	2 anos	Ensino, Pesquisa, Extensão, Núcleo de Estudos
Professor 3	26	Mestrado em andamento	1 ano	Ensino
Professor 4	27	Mestrado	2 anos	Ensino, Pesquisa, Extensão, Núcleo de Estudos, Coordenações
Professor 5	30	Mestrado em andamento	2 anos e 6 meses	Ensino e Núcleo de Estudos
Professor 6	24	Especialização em Andamento	1 ano	Ensino e Núcleo de Estudos
Professor 7	27	Doutorado em andamento	1 ano e 6 meses	Ensino, Pesquisa, Extensão, Núcleo de Estudos
Professor 8	25	Mestrado	1 ano	Ensino e Núcleo de Estudos
Professor 9	27	Mestrado	3 anos	Ensino, pesquisa Núcleo de estudos
Professor 10	26	Doutorado em andamento	1 ano	Ensino

Fonte: Sistematização do autor, a partir dos dados produzidos com o questionário de perfil aplicado.

Entre os 10 (dez) professores substitutos da Faculdade de Serviço Social, apenas 1 (um) é do sexo masculino. A reduzida quantidade de pessoas do sexo masculino, entre os professores substitutos, pode ser explicada, certamente, pelas múltiplas determinações de gênero que conduziram à gênese e formação da profissão, a qual historicamente foi vista como uma atividade eminentemente feminina, ligada a aspectos como caridade, pureza, dentre outros atributos. Embora já tenha existido um avanço em relação a esta concepção, identificamos que, ainda hoje, persistem alguns resquícios, expressando-se, por exemplo, na pouca quantidade de homens inscritos nos cursos de graduação em serviço social e atuando nos diversos espaços sócio-ocupacionais. Ora, segundo Russo, Cisne e Brettas (2008, p. 138), “[...] a escolha da profissão não é, pois, algo natural, mas segue uma tendência socialmente determinada pela divisão sexual do trabalho na sociedade patriarcal”. Dessa forma, é compreensível a pouca inserção de sujeitos do sexo masculino nos cursos, o que conseqüentemente faz diminuir também as chances de termos professores de tal sexo no serviço social.

Destacados esses determinantes, ressaltamos que, para alguns sujeitos entrevistados, o interesse pela inserção na docência não ocorreu de modo programado, ou seja, não era um plano cogitado durante o período de formação profissional, em nível da



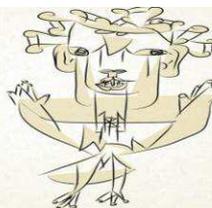
graduação. Até mesmo os que entraram na pós-graduação – um espaço mais voltado para a preparação e formação de docentes –, não estavam totalmente convencidos a se inserirem neste espaço, na condição de professores. Senão, vejamos:

“não era uma coisa que eu tinha... um plano que eu tinha desde que eu entrei na universidade... na verdade eu não queria docência! até eu terminar a faculdade eu pensava em trabalhar na área da Assistência” (ENTREVISTADO 01).

“eu sai com a certeza de que eu ia para o mestrado e eu ia me especializar pra passar num concurso para o exercício profissional e ser melhor remunerado com a minha titulação, então foi esse o intuito de fazer mestrado” (ENTREVISTADO 02).

As duas falas nos levam a crer que a inserção profissional na área da docência, embora não fosse um desejo ou vontade expressa, foi tomada como opção diante da necessidade e do interesse em buscar melhorias na vida material, na exata medida em que permitiria a inserção no mundo do trabalho, numa conjuntura assolada pelo desemprego e pela restrição de possibilidades e oportunidades. Assim, em um contexto de expansão do ensino superior no País, por meio de instituições públicas e privadas, assumir, ainda que temporariamente, a função de docente, em um curso de serviço social, para muitos, revela-se uma via efetiva para a inserção no mercado de trabalho, integrando um espaço que, na sua particularidade, permite também ao profissional manter-se em formação, o que pode resultar em maiores chances de aprovação futura em um concurso ou seleção para um posto de trabalho mais estável ou ainda para ingresso em programas de pós-graduação. Coloca-se, deste modo, tal ocupação como certa “esperança” em um universo de instabilidades e incertezas, no qual vive a maioria dos trabalhadores temporários, nos tempos contemporâneos.

Com efeito, o desemprego em escala estrutural é um fenômeno latente em nossa sociedade, pelas múltiplas determinações do sistema socioeconômico que, atualmente nos rege. Em se tratando da particularidade brasileira, é preciso mencionar que o desemprego é impulsionado pela elevada rotatividade no trabalho, herança de nossa formação sócio-histórica e pela dinâmica dos ciclos de ajuste do capital. Neste sentido, embora saibamos da existência, na singularidade de campos de atuação do assistente social, de inúmeras demandas e requisições a serem supridas, no contexto da política econômica adotada pelo Estado neoliberal, estas são invisibilizadas e desconsideradas, adiando-se ou até mesmo não realizando concursos públicos para suprimento de cargos, fazendo-se apelo ao trabalho terceirizado e temporário, muitas vezes em situação de informalidade. Outro depoimento é revelador desta conjuntura, indicando a inserção na docência como:



“Uma alternativa ao desemprego! Dessa maneira... eu estava lá na minha cidade, estava há um mês já sem fazer nada, um pouco ocioso... recebi a ligação [informando sobre a seleção] então vim; é uma alternativa ao desemprego, com certeza não foi uma opção realmente que eu procurei...” (ENTREVISTADO 03)

Apesar da opção pela docência não ter sido percebida na fala acima, podemos destacar alguns fatores que, de certo modo, confluíram para levá-los a este espaço, na condição de professores substitutos. Dentre eles, figura a experiência com a monitoria em disciplinas durante a graduação, por meio do Programa Institucional de Monitorias da UERN (PIM-UERN) e, no que concerne a pós-graduação, apontamos a experiência proporcionada pelo estágio em docência, destacando-se, também, a participação em outros espaços, para além da universidade. Vejamos os próximos relatos:

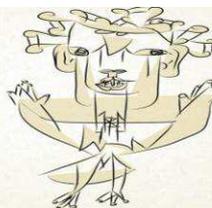
“É, principalmente a experiência da monitoria me fez perceber que a docência é um âmbito de trabalho muito rico” (ENTREVISTADO 04).

“[...] quando eu realizei estágio em docência [...] eu comecei a gostar de sala de aula... mas eu via que era um enorme trabalho, por exemplo, em casa de preparação das aulas e que o fim ultimo do trabalho que seria aquele momento de ensino-aprendizado, aquele momento pedagógico em sala de aula seria apenas uma etapa de todo um transcorrer, de todo o caminho percorrido” (ENTREVISTADO 02).

Como podemos visualizar nas falas acima transcritas, a monitoria, no caso da primeira fala, e o estágio em docência – embora ainda seja visível uma resistência de sua parte – para o Entrevistado 02 se materializaram como espaços importantes para a decisão de serem professores substitutos, pois lhes permitiram detectar, por meio desta experiência prática, nuances e fatores desta ocupação que os impulsionaram e incentivaram a seguir este caminho profissional.

Em consonância com esta análise, é interessante destacar em nossa abordagem que, nas falas oriundas das entrevistas, a grande maioria dos sujeitos cita a experiência com a monitoria. E, alguns deles, inclusive, destacam que exerceram a atividade em mais de uma disciplina. Ou seja, a monitoria, certamente, permitiu a aproximação e, como corolário, a admiração e o interesse por dimensões da atividade docente. Contudo, se por um lado a docência não fazia parte dos planos e perspectivas de alguns sujeitos, para outros, que a percebiam como um campo rico e potencializador, ela se apresentou como horizonte e finalidade. Esta afirmativa se expressa nas falas abaixo:

“Para além das razões da ‘ordem da necessidade’, e aqui, honestamente, me refiro à necessidade de assegurar a minha subsistência, outras razões pesaram fortemente para a minha inserção neste espaço. Entre as quais, está o fato da vivência (ou vivências) que tive no espaço da academia despertarem um desejo por esse exercício, logo, exercer a atividade docente, naquele momento, representou



também a possibilidade de conhecer ‘por dentro’ aquilo que eu começara a projetar pra minha vida profissional” (ENTREVISTADO 05).

“[...] eu cheguei com o intuito de aprender, de me desenvolver na questão da docência no serviço social porque eu tinha o sonho, de trabalhar na docência e para o Serviço Social” (ENTREVISTADO 06).

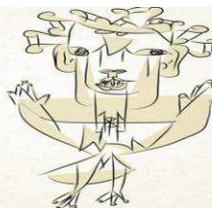
Embora a fala do Entrevistado 05 também contenha, de um lado, elementos a indicar não ter consistido uma motivação primeira, derivando, inicialmente, de fatores da “ordem da necessidade”, de outro lado, torna-se indicativa do desejo que nutriu, mediante vivências na universidade, no espaço da docência, impulsionando-o a decidir ser professor substituto da FASSO. Trata-se de uma decisão construída no decorrer das experiências acadêmicas.

Esse “desejo” pela docência, também pode ser visto na fala do Entrevistado 06, ao revelar indícios de que a sua entrada na universidade como docente temporário consistiu numa realização profissional ou, pelo menos, numa etapa, que poderia contribuir para a consolidação dessa realização pois, certamente, a condição de estar substituto não seria seu fim último.

Como acontece de modo geral em Instituições de Ensino Superior (IES) públicas, a inserção legal dos professores substitutos no quadro de profissionais da FASSO, dá-se mediante abertura de edital e seleção que se compreende, basicamente duas fases, quais sejam: aula didática sobre um tema sorteado entre os concorrentes e, também, análise e avaliação de currículo. A remuneração varia de acordo com o grau de qualificação profissional e a carga horária cumprida por cada docente. Ressalte-se que os últimos editais não explicitaram valores, sendo os salários apresentados ao professor apenas quando da assinatura do contrato, abrindo um campo de questionamentos e incertezas nesse sentido. Particularmente, na última seleção ocorrida **com a divulgação de edital e valores dos salários**, em 2010, as remunerações para 40 horas semanais eram as seguintes:

- Graduado: 2.108,47
- Especialista: 2.409,68
- Mestre: 2.635,59
- Doutor: 2.936,80

Após o resultado final da seleção, é assinado um contrato de trabalho entre o aprovado e a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), mediante a Pró-Reitoria de Recursos Humanos e Assuntos Estudantis (PROHAE), por meio do qual são



estabelecidas as normas de regulação do serviço. A princípio, o contrato tinha a vigência de um ano, podendo ser renovado sucessivas vezes. Contudo, desde a ocorrência de uma greve histórica na Instituição no ano de 2011, greve esta que contou com o apoio dos professores substitutos, a política de contratação foi alterada e, atualmente, o contrato é renovado (ou não) a cada 6 meses o que, além de representar maior insegurança para os sujeitos, provoca variadas dificuldades, à exemplo da utilização dos serviços do plano de saúde.

No geral, quando adentraram no universo da docência, os sujeitos investigados tinham uma faixa etária que variava entre 23 e 25 anos, tendo, em sua maioria, concluído a graduação e, rapidamente, se inserido nesse espaço. Em poucos casos, passam por outros ambientes sócio profissionais, de maneira breve. Para clarificar essa afirmativa, trazemos as falas de alguns sujeitos, que explicam:

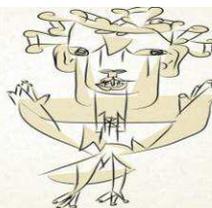
“meu processo de inserção foi assim, passei na seleção, nem tinha colado grau ainda. É tanto que ficava aqui [na FASSO] mas não podia trabalhar” (ENTREVISTADO 03).

“eu [...] sai da graduação e vim direto pra cá” (ENTREVISTADO 04).

Diante da sobrecarga de trabalho, a maioria dos professores não dispõe de tempo para realizar uma pós-graduação, quer seja *latu senso* ou *stricto sensu*, antes da entrada na universidade na condição de docente substituto. Contudo, frequentemente, ao deixarem a condição de substituto, na FASSO, estes profissionais se dirigem aos programas de pós-graduação. Na época de realização da pesquisa, todos os professores substitutos entrevistados em nossa pesquisa egressos da Faculdade, estavam inseridos em Mestrado ou Doutorado em Serviço Social ou em áreas afins, e um deles, inclusive, já havia passado em um concurso para exercer o magistério. Daqueles que ainda estavam lecionando, apenas um dos sujeitos não possuía pós-graduação completa, nem estava dando andamento.

O tempo de permanência desses profissionais depende, por um lado, de seu interesse e disponibilidade, e, por outro, da necessidade do Departamento. Na época, os professores substitutos estavam inseridos, majoritariamente, há cerca de 2 (dois) anos (e continuavam com o contrato vigorando). Mas, observamos um caso cujo tempo de permanência durando 3 (três) anos⁴. Entre aqueles que já não integravam mais o quadro de professores substitutos da UERN, o tempo médio de permanência havia sido de 1 (um) ano.

⁴ Até o começo de 2015, o referido sujeito continuava tendo o contrato renovado pela UERN. Por isso, suas atividades na instituição já ultrapassa mais de 5 anos.

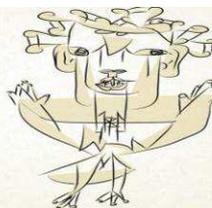


Isso pode indicar uma tendência a uma maior permanência do professor substituto na universidade. Ora, o tempo de continuação na Faculdade se elevou em 1 (um) ano, em relação ao tempo imediatamente anterior à realização da pesquisa, o que pode sugerir, a longo prazo, novas determinações para sua requisição. Com efeito, parece existir uma ***lógica provisória-permanente*** na requisição de professores temporários na universidade, postergando a realização de concursos públicos, o que só poderá ser averiguado, de fato, com estudos posteriores.

Durante o lapso temporal estabelecido no contrato, às atividades remuneradas do professor substituto devem se voltar unicamente para o ensino, com a distribuição de diversas disciplinas, perfazendo carga horaria bastante elevada em sala de aula. Mesmo assim, quando questionamos os sujeitos sobre as atividades que desenvolviam, outras foram destacadas, por exemplo: núcleos de estudos, pesquisa e extensão. Do total de sujeitos entrevistados para compor o perfil, 7 estão ou estiveram inseridos nesses espaços, mais especificamente, encontravam-se no: Núcleo de Estudos e Ações Integradas na Área da Criança e do Adolescente (NECRIA); Núcleo de Estudos sobre a Mulher Simone de Beauvoir (NEM); além dos diversos projetos de pesquisa e extensão, vinculados a FASSO/UERN.

O conjunto de dados e reflexões que trouxemos à tona marca uma configuração do trabalho de professor substituto que não é exclusiva da UERN, muito embora no âmbito desta instituição existam particularidades referentes à sua própria estrutura e contradições locais. De forma geral, contudo, persiste, nas diversas unidades de ensino, uma forma de ser do trabalho desenvolvido por esses trabalhadores, marcada por contratos com frágeis vínculos, pautados, quase sempre, na desregulamentação de condições de trabalho; pelo aumento dos processos de adoecimento em decorrência das atividades desempenhadas; pelas dificuldades de organização política; pela sobrecarga de trabalho e, também, pelo quadro geral de incertezas e instabilidades que os assolam dia após dia, como demonstram algumas pesquisas já realizadas (Cf. TRINDADE, 2013; DIAS; MACHADO, 2009; PASSOS, 2014). Destarte, os professores substitutos estão inseridos num quadro geral dos trabalhadores que vivenciam toda a sorte de desventuras, por meio da subproletarização do trabalho, nos termos de Antunes (2011). Estamos falando, aqui, de trabalhadores que: “[...] tem em comum a precariedade do emprego e da remuneração; a desregulamentação das condições de trabalho em relação às normas legais vigentes [...] e a consequente regressão dos direitos sociais” (ANTUNES, 2010, p. 50).

Assim, ressaltamos: na contemporaneidade, o peso do fardo que carregam docentes e mais especificamente os professores substitutos da FASSO, vem se intensificando sobre seus ombros de maneira a lhes render toda a sorte de desventuras.



Nos marcos das regulações contraditórias do capital, este fardo não deixará de existir e, portanto, não se mostram animadores os tempos que estão por vir. Mais que nunca, é preciso ter coragem e ousadia para se libertar do fardo, da farda, das feridas e das incertezas que os perseguem, buscando condições e relações de trabalho verdadeiramente dignas.

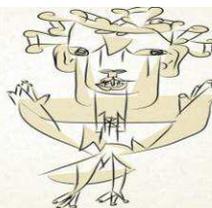
3 – Considerações finais

Os professores, e particularmente os substitutos da FASSO, fazem parte do amplo quadro de sujeitos que compõe a classe trabalhadora, e sentem as dimensões da precarização, desproteção e desregulamentação a se fazer presente para todos os trabalhadores na atualidade, especialmente com o desenvolvimento da crise estrutural do capital, reestruturação produtiva e das inúmeras metamorfoses desencadeadas para eles como consequência. Todas elas, diga-se, endossadas pelos determinantes que se materializam no seu lócus de trabalho: a universidade.

Da realidade investigada, dois motivos destacam-se dentre os principais a justificar a inserção do trabalhador na condição de professor substituto, neste espaço. Um deles está relacionado a aspectos mais subjetivos: os desejos e vontade de se tornar professor, motivados por vivências e interesses pessoais. O outro, expressa a iniciativa de busca de emprego, num contexto de restrição de oportunidades de trabalho na sociedade. Detectamos que os professores substitutos da FASSO são, em sua maioria jovens-mulheres, com idade aproximada entre 23 e 25 anos de idade, com interesse em inserção na pós-graduação e continuidade na “vida universitária”. Demonstramos ainda, a condição de instabilidade e insegurança que vivenciam.

Pensamos que este texto deve nos fazer refletir, de maneira crítica, sobre as configurações que estão ancorando o mundo do trabalho hoje e os rebatimentos que têm sido direcionados para todos os trabalhadores, de modo geral. Temporários, subcontratados, substitutos, terceirizados, precarizados... qualquer que seja a denominação, a questão central colocada para estes sujeitos é unir esforços para subverter a lógica capitalista de (re)produção da vida social ansiando, como projetou Marx, dar fim a pré-história da humanidade, e início a sua verdadeira narrativa, na qual o livre desenvolvimento de um, seja condição para o livre desenvolvimento de todos.

REFERÊNCIAS



ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho** – ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 10.ed. 2ª reimpr. rev. e atual. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. Produção liofilizada e a precarização estrutural do trabalho. IN: LOURENÇO, Edvânia. BERTANI, Vera Navarro Iris. et. al. **O avesso do trabalho II: trabalho, precarização e saúde do trabalhador**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. Crise capitalista contemporânea e as transformações no mundo do trabalho. In: **módulo de capacitação CEAD**. Brasília: CFESS, 1999.

BEHRING, Elaine. **Brasil em contra-reforma: desestruturação do Estado e perda de direitos**. São Paulo: Cortez, 2008.

CARVALHO, Alba Maria Pinho de. **O BRASIL NO SÉCULO XXI NAS TRAMAS DO AJUSTE EM TEMPOS DE CRISE: POLÍTICAS PÚBLICAS NO FOCO DA CRÍTICA**. Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas Universidade Federal do Maranhão. São Luís: Mimeo, 2015.

DIAS, Viviane. MACHADO, Melissa. **PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO: O CASO DOS PROFESSORES SUBSTITUTOS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**. Disponível em: <http://www.simposioestadopoliticas.ufu.br/imagens/anais/pdf/AC16.pdf>. Acesso em: 25 Mar. 2015.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Ed. Loyola, 2008.

OLIVEIRA, Eurenice de. **Toyotismo no Brasil: Desencantamento da fábrica, envolvimento e resistência**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

RUSSO, Gláucia; CISNE, Mirla; BRETTAS, Tatiana. **Questão Social e mediação de gênero: a marca feminina na Assistência Social**. In: SER Social, Brasília, n.22, p. 129-159, jan/jun. 2008.

MÈSZÁROS, Istvan. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2009.

PASSOS, Rachel Gouveia. **O Trabalho do professor substituto na FSS/UERJ: limites e impasses frente à precarização**. Disponível em: <http://www.fss.uerj.br/downloads/Colet%C3%A2nea%2070%20ANOS%20FSS/19.pdf>. Acesso em: 25 Mar. 2015.

TRINDADE, Hiago. “Não vim pra ficar, estou só de passagem”: a precarizada vida dos professores substitutos da FASSO/UERN. In: **Revista Universidade e Sociedade**. V. 52, n. 01. Brasília: ANDES-SN, 2013.

_____. **Educação, luta de classes e políticas educacionais no contexto da contrarreforma: notas sobre a UERN**. In: Serviço Social em Revista. V. 16. n.02. Londrina: 2014.